

FERNANDO DE AZEVEDO.  
(1894-1974).

---

*ANTÔNIO CÂNDIDO*

da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

O Professor Fernando de Azevedo nasceu em São Gonçalo do Sapucaí, Minas Gerais, a 2 de abril de 1894, e morreu em São Paulo, a 18 de setembro de 1974. Fez os estudos secundários no Colégio Anchieta, de Nova Friburgo, da Companhia de Jesus, na qual iniciou a seguir a carreira religiosa, pedindo todavia dispensa antes dos votos maiores. A partir de 1914 foi Professor de Latim e Psicologia no Ginásio Mineiro, em Belo Horizonte, em cuja Faculdade de Direito continuou o curso iniciado na do Rio, terminando-o na de São Paulo, para onde se transferiu em 1917. Logo depois de formado, em 1918, foi Professor de Latim e Literatura na Escola Normal, depois Instituto de Educação Caetano de Campos. Como humanista, jornalista e crítico literário foi que fez, ainda jovem, o seu nome e publicou a maioria dos livros iniciais, como: *No tempo de Petrônio* (1922), *Jardins de Salústio* (1924), *O segredo da Renascença* (1925), *Ensaio* (1929).

Tendo organizado em 1926 o inquérito sobre “a educação pública no Estado de São Paulo” (publicado em livro sob este título), aplicou-se a partir daí aos estudos pedagógicos e à renovação educacional. De 1927 a 1930 ocupou o cargo de Diretor Geral de Instrução Pública do antigo Distrito Federal (Rio de Janeiro), onde promoveu a reforma de ensino mais ruidosa e profunda que o Brasil conheceu. A luta foi áspera; nela enfrentou oposições implacáveis e suscitou dedicações entusiastas, manifestando claramente um traço fundamental do seu caráter enérgico e destemeroso: o gosto pela responsabilidade. Em 1933 ocuparia cargo semelhante em São Paulo, onde também promoveu uma reforma e elaborou o Código de Educação. Em 1947 foi Secretário de Educação do Estado e, em 1961, da Prefeitura da Capital.

A atividade no setor educacional se reflete em livros como: *A reforma do ensino no Distrito Federal* (1929), *Novos caminhos e novos*

*fins* (1932), *Velha e nova política* (1942), *Na batalha do humanismo* (1952), *A educação entre dois mundos* (1958). Mas dela faz parte também a sua ação como ideador, organizador e diretor, a partir de 1931 e por mais de dez anos, da Biblioteca Pedagógica Brasileira, com as suas cinco séries, inclusive a famosa Brasileira.

Como educador, Fernando de Azevedo se apoiava numa concepção sociológica, de base sobretudo durkheimiana, que o levou a aprofundar estudos especializados desde o decênio de 1920 e o transformou num sociólogo eminente, pioneiro de vários aspectos do ensino e da pesquisa de Sociologia no Brasil. Depois de 1930, foi nesta disciplina que continuou a sua carreira de professor, primeiro no Instituto de Educação, depois na Universidade de São Paulo, da qual foi um dos fundadores, tendo sido autor do Projeto inicial em 1933. De 1935 são os *Princípios de Sociologia*, seguidos em 1940 por *Sociologia Educacional*, obras com as quais iniciou uma produção notável neste setor.

De 1941 a 1943 dirigiu a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, onde foi, em 1947, um dos fundadores do Departamento de Sociologia e Antropologia, cuja chefia exerceu por muitos anos. Organizou e dirigiu também a Sociedade Brasileira de Sociologia, presidindo em 1954 o seu I Congresso. Além de numerosos estudos esparsos e dos dois livros citados acima, publicou no campo sociológico: *Canaviais e engenhos na vida política do Brasil* (1948), *Um trem corre para Oeste* (1950) e a vasta síntese *A cultura brasileira* (1943). Síntese das atividades científicas, mais particularmente, é *As ciências no Brasil*, 2 vols., que organizou e coordenou (1956). Mais tarde, publicaria obras de cunho pessoal, como *Figuras de meu convívio* (1960) e *História da minha vida* (1971).

Espírito de grande inquietação, temperamento ardoroso, vontade firme, aliados a uma afetividade transbordante que buscava ansiosamente o convívio, — a sua vida foi marcada pelas grandes empresas, os grandes sentimentos, as grandes dedicações. Unindo compostura e irreverência, aplicação ao trabalho e gosto da divagação, reconhecimento da tradição e curiosidade pelas coisas novas, foi sem dúvida uma personalidade excepcional, que marcou o seu tempo porque nunca recusou as tarefas trazidas pelo senso do dever, que nele era em grande parte discernimento das necessidades coletivas.